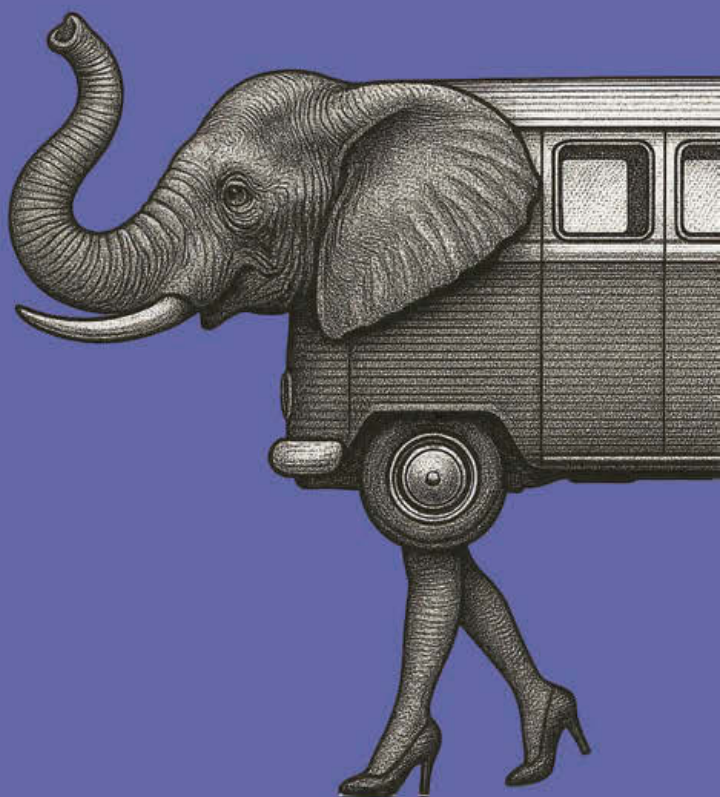


JULIO CORTÁZAR

Contos completos 1

(1945 – 1966)



cavalo de ferro

ÍNDICE

A OUTRA MARGEM

Plágios e Traduções

I. O filho do vampiro	19
II. As mãos que crescem.....	23
III. O telefone toca, Delia	31
IV. A profunda sesta de Remi.....	39
V. <i>Puzzle</i>	42

Histórias de Gabriel Medrano

I. Retorno da noite.....	49
II. Bruxa.....	58
III. Mudança	67
IV. Espelho distante	77

Prolegómenos à Astronomia

I. Da simetria interplanetária	87
II. Os limpa-estrelas.....	89
III. Breve curso de Oceanografia	94
IV. Estação da mão	98

BESTIÁRIO

Casa ocupada	105
Carta a uma rapariga em Paris	111
Distante	120
<i>Omnibus</i>	129
Cefaleia	140
Circe.....	153
As portas do céu.....	168
Bestiário.....	182

FINAL DO JOGO

I

Continuidade dos parques	201
Não se culpe ninguém	203
O rio.....	208
Os venenos.....	211
A porta condenada	226
As ménades	235

II

O ídolo das Cícladas	249
Uma flor amarela	258
Conversa depois do jantar.....	265
A banda.....	274
Os amigos	280
O móbil.....	282
Torito	290

III

Relato com um fundo de água	299
Depois do almoço	305

<i>Axolotl</i>	315
A noite de barriga para cima.....	321
O final do jogo.....	330

AS ARMAS SECRETAS

Cartas da mamã.....	345
Os bons serviços.....	364
As babas do Diabo.....	390
O perseguidor.....	405
As armas secretas.....	460

HISTÓRIAS DE CRONÓPIOS E DE FAMAS

Manual de instruções

Manual de instruções.....	487
Instruções para chorar.....	489
Instruções para cantar.....	490
Instruções-exemplo sobre a forma de ter medo.....	491
Instruções para compreender três pinturas célebres.....	493
Instruções para matar formigas em Roma.....	498
Instruções para subir uma escada.....	500
Preâmbulo às instruções para dar corda ao relógio.....	502

Ocupações peculiares

Simulacros.....	505
Etiqueta e prelações.....	509
Correios e telecomunicações.....	511
Perda e recuperação de cabelo.....	513
Tia em dificuldades.....	515
Tia explicada ou não.....	517

Os acolhe-jaguares.....	519
Comportamento nos velórios.....	521

Material plástico

Trabalhos de escritório.....	527
Maravilhosas ocupações.....	529
<i>Vietato introdurre biciclette</i>	531
Comportamento dos espelhos na Ilha da Páscoa.....	533
Possibilidades da abstracção.....	534
O jornal diário diariamente.....	536
Pequena história que pretende ilustrar o quão precária é a estabilidade em que julgamos viver, ou seja, que as leis poderiam ceder terreno às excepções, acasos e imprevistos, e é aí que se sobrevive	537
Fim do mundo do fim.....	539
Acefalia.....	541
Esboço de um sonho	543
Então, López.....	545
Geografias	547
Progresso e retrocesso	549
História verídica.....	550
História com um urso manso	551
Tema para uma tapeçaria.....	552
Propriedades de um cadeirão.....	553
Sábio com um buraco na memória.....	555
Plano para um poema.....	556
Camelo declarado indesejável	558
Discurso do urso.....	559
Retrato do casuar.....	560
Esmagamento das gotas	562
Conto sem moralidade	563
As linhas da mão.....	566

Histórias de cronópios e de famas

I. Primeira e ainda incerta aparição dos cronópios, famas e esperanças. Fase mitológica

Costumes dos famas.....	567
A dança dos famas.....	569
Alegria do cronópio	570
Tristeza do cronópio.....	571

II. Histórias de cronópios e de famas

Viagens	573
Conservação das recordações.....	574
Relógios.....	575
O almoço.....	576
Lenços.....	577
Comércio	578
Filantropia	580
O canto dos cronópios.....	581
História	582
A colherada austera	583
A fotografia ficou tremida.....	584
Eugenesia	585
A sua fé nas ciências	586
Inconvenientes dos serviços públicos	587
Faça como se estivesse em sua casa.....	589
Terapias	590
O particular e o universal.....	591
Os exploradores	592
Educação de príncipe	593
Cole o selo no canto superior direito do envelope	594
Telegramas.....	595
As suas histórias naturais.....	596

III. Histórias (inesperadas) de cronópios e de famas

Vialidade.....	599
Almoços	601
<i>Never stop the press</i>	602

TODOS OS FOGOS O FOGO

A auto-estrada do Sul.....	605
A saúde dos doentes.....	630
Reunião	647
A menina cora	662
A ilha ao meio-dia	684
Instruções para John Howell.....	692
Todos os fogos o fogo.....	707
O outro céu.....	719

HISTÓRIAS (INESPERADAS)

A adaga e a flor-de-lis: notas para um memorial.....	743
Relato com um fundo de água	752
Os gatos	762
Manuscrito encontrado ao lado de uma mão.....	792

A OUTRA MARGEM
(1945)

Para Paco, que gostava destes relatos

*And we are here as on a darkling plain
Swept with confused alarms of struggle and flight,
Where ignorant armies clash by night.*

MATTHEW ARNOLD

Forçando a sua espaçada execução – 1937/1945 – reúno hoje estas histórias um pouco para ver se ilustram, com as suas frágeis estruturas, a parábola do feixe de vimes. De todas as vezes que as encontrei em cadernos soltos, tive a certeza de que precisavam umas das outras, que a sua solidão as perdia. Talvez mereçam estar juntas porque do desencanto de cada uma nasceu a vontade da seguinte.

Ofereço-as em livro para encerrar um ciclo e quedar-me sozinho diante de outro menos impuro. Um livro a mais é um livro a menos; uma aproximação ao último que espera no cume, já perfeito.

Mendoza, 1945

Plágios e traduções

I

O FILHO DO VAMPIRO

Era provável que todos os fantasmas soubessem que Duggu Van era um vampiro. Não tinham medo dele, mas deixavam-no passar quando ele saía da sua tumba, precisamente à meia-noite, e entrava no antigo castelo à procura do seu alimento favorito.

O rosto de Duggu Van não era agradável. O muito sangue bebido desde a sua morte aparente — no ano de 1060, às mãos de uma criança, um jovem David armado com uma funda-punhal — tinha impregnado na sua pele opaca a tonalidade pálida das madeiras que permaneceram demasiado tempo debaixo de água. A única coisa viva naquela cara eram os olhos. Uns olhos fixos na figura de Lady Vanda, adormecida como um bebé num leito que não conhecia mais do que o seu corpo frágil.

Duggu Van caminhava sem fazer barulho. A mistura de vida e morte que preenchia o seu coração manifestava-se em qualidades inumanas. Vestido de azul-escuro, sempre acompanhado por um séquito silencioso de perfumes rançosos, o vampiro passeava pelas galerias do castelo à procura de depósitos vivos de sangue. A indústria frigorífica tê-lo-ia deixado indignado. Lady Vanda, adormecida, com uma mão tapando os olhos como numa premonição de perigo, assemelhava-se a um *bibelot* subitamente quente. Ou uma relva propícia, ou uma cariátide.

Louvável costume de Duggu Van era o de nunca pensar antes de agir. No aposento, junto ao leito, desnudando com levíssima e carcomida mão o corpo da escultura rítmica, a sede de sangue começou a ceder.

Que os vampiros se apaixonem é coisa que nas lendas permanece oculta. Se ele tivesse reflectido sobre o assunto, talvez a sua condição tradicional o tivesse detido à beira do amor, limitando-o ao sangue higiénico e vital. Mas Lady Vanda não era para ele uma mera vítima destinada a uma série de banquetes. A beleza irrompia da sua figura ausente, batalhando, no exacto espaço que separava ambos os corpos, contra a fome.

Sem tempo para se sentir perplexo, Duggu Van ingressou no amor com uma voracidade estrondosa. O despertar atroz de Lady Vanda atrasou-se por um segundo, comprometendo as suas possibilidades de defesa. E o falso sonho do desmaio acabou por entregá-la, branca luz na noite, ao amante.

É certo que, de madrugada, antes de partir, o vampiro não conseguiu resistir à sua vocação e fez uma pequena sangria no ombro da desvanecida castelã. Mais tarde, ao pensar em tudo isso, Duggu Van concluiu que as sangrias eram muito recomendáveis para os desmaiados. Como em todos os seres, o seu pensamento era menos nobre do que o simples acto.

No castelo houve um congresso de médicos e peritagens desagradáveis, sessões de conjurações e anátemas, e ainda uma enfermeira inglesa chamada Miss Wilkinson e que bebia *gin* com uma naturalidade comovente. Lady Vanda esteve muito tempo entre a vida e a morte (*sic*). A hipótese de um pesadelo demasiado realista foi descartada perante determinadas comprovações oculares; e, além do mais, decorrido um período de tempo razoável, a dama teve a certeza de que estava grávida.

Portas trancadas com fechaduras *Yale* haviam gorado as tentativas de Duggu Van. O vampiro teve de alimentar-se de crianças, de ovelhas, até — horror dos horrores! — de porcos. Mas todo o sangue lhe parecia água comparado com o de Lady Vanda. Uma simples associação, da qual nem o seu carácter de vampiro o podia livrar, exaltava na sua memória o sabor do sangue onde havia nadado, guloso, o peixe que era a sua língua.

Inflexível na sua tumba durante o dia, precisava de aguardar pelo canto do galo para emergir, descomposto, louco de fome. Não voltara a ver Lady Vanda, mas os seus passos levavam-no, uma e outra vez, à galeria que desembocava na redonda provocação amarela da fechadura *Yale*. Duggu Van estava visivelmente desfeito.

Por vezes pensava — deitado e húmido no seu nicho de pedra — que talvez Lady Vanda fosse dar à luz um filho seu. Nessas ocasiões o amor recrudescia mais do que a fome. A sua febre sonhava com violações de fechaduras, sequestros, com a construção de uma nova tumba matrimonial de amplas dimensões. A malária atacava-o então com mais força.

O filho crescia, lentamente, em Lady Vanda. Certa tarde, Miss Wilkinson ouviu a sua senhora gritar. Encontrou-a pálida, desolada. Tocava o ventre coberto de cetim e dizia:

— É como o pai, tal qual o pai.

Duggu Van, prestes a morrer a morte dos vampiros (coisa que o deixava aterrado, pelas razões compreensíveis), tinha ainda a débil esperança de que o filho, caso possuísse as suas capacidades de sagacidade e destreza, encontrasse forma de lhe trazer um dia a sua mãe.

Lady Vanda ficava, de dia para dia, mais pálida, mais etérea. Os médicos amaldiçoavam, os tónicos fracassavam. E ela, repetindo sempre:

— É como o pai, tal qual o pai.

Miss Wilkinson chegou à conclusão de que o pequeno vampiro estava a sangrar a mãe com a mais refinada das crueldades.

Quando os médicos se inteiraram da situação falou-se de um aborto mais do que justificável; mas Lady Vanda recusou, virando a cabeça como um ursinho de peluche, acariciando com a mão direita o seu ventre de cetim.

— É como o pai — dizia ela. — Tal qual o pai.

O filho de Duggu Van crescia rapidamente. Não só ocupava a cavidade que a natureza lhe concedera, como também invadia o resto do corpo de Lady Vanda. Lady Vanda já mal conseguia falar, não lhe restava sangue; o pouco que tinha encontrava-se no corpo do filho.

E quando chegou o dia marcado pelos ciclos das memórias para o parto, os médicos comentaram entre si que aquele seria um parto estranho. Em número de quatro, rodearam o leito da parturiente, aguardando que chegasse a meia-noite do trigésimo dia do nono mês da investida de Duggu Van.

Miss Wilkinson, na galeria, viu aproximar-se uma sombra. Não gritou, pois tinha a certeza de que isso não lhe valeria de nada. É certo que o rosto de Duggu Van não era propriamente algo que inspirasse sorrisos. O tom terroso da sua face tinha-se transformado num relevo uniforme e arroxeadado. No lugar dos olhos, duas grandes interrogações lacrimosas balançavam sob o cabelo empastado.

— É absolutamente meu — afirmou o vampiro no linguajar caprichoso da sua seita —, e ninguém pode interpor-se entre a sua essência e o meu amor.

Falava do filho; Miss Wilkinson tranquilizou-se.

Os médicos, reunidos a um canto do leito, tentavam convencer-se uns aos outros de que não tinham medo. Começaram a notar mudanças no corpo de Lady Vanda. A sua pele escurecera de repente, as suas pernas ganhavam relevos musculares, o ventre achatava-se suavemente e, com uma naturalidade que parecia quase familiar, o seu sexo transformava-se no oposto. O rosto já não era o de Lady Vanda. As mãos já não eram as de Lady Vanda. Os médicos sentiam um medo atroz.

Então, quando soaram as doze badaladas, o corpo daquela que tinha sido Lady Vanda e era agora o seu filho endireitou-se lentamente no leito e estendeu os braços em direcção à porta aberta.

Duggu Van entrou na sala, passou pelos médicos sem os ver, e seguiu nas mãos do filho.

Os dois, olhando-se como se se conhecessem desde sempre, saíram pela janela. O leito, ligeiramente amarrotado, os médicos balbuciando palavras em torno dele, contemplando sobre as mesas os instrumentos do ofício, a balança para pesar o recém-nascido, e Miss Wilkinson à porta, contorcendo as mãos e perguntando, perguntando, perguntando.

II

AS MÃOS QUE CRESCEM

Ele não o tinha provocado. Quando Cary disse: «És um covarde, um canalha, e além do mais um mau poeta», as palavras determinaram o curso das acções, tal como costuma acontecer nesta vida.

Plack avançou dois passos em direcção a Cary e começou a bater-lhe. Estava seguro de que Cary lhe respondia com igual violência, mas não sentia nada. Apenas as suas mãos que, com uma velocidade prodigiosa, finalizando o impulso fulminante dos braços, acertavam no nariz, nos olhos, na boca, nas orelhas, no pescoço, no peito e nos ombros de Cary.

Bem de frente, movendo o tronco com um balanço rapidíssimo, sem recuar, Plack esmurrava. Sem recuar, Plack esmurrava. Os seus olhos fitavam directamente a silhueta do adversário. Mas melhor ainda era a forma como contemplava as suas próprias mãos; via-as bem fechadas, cumprindo a sua tarefa como os pistões de um automóvel, como qualquer coisa que cumprisse o seu trabalho ao ritmo de um balanço rapidíssimo. Golpeava Cary, continuava a golpeá-lo, e cada vez que os seus punhos se afundavam numa massa escorregadia e quente, que sem dúvida era o rosto de Cary, sentia o coração cheio de júbilo.

Por fim baixou os braços, deixou-os descansar junto ao corpo. E disse:

— Já levaste o suficiente, seu estúpido. Adeus.

Começou a caminhar, saindo da sala da Câmara Municipal e seguindo pelo corredor que dava, lá ao fundo, para a rua.

Plack estava contente. As suas mãos tinham-se portado bem. Esticou-as para a frente para as admirar; pareceu-lhe que de tanto esmurrar elas tinham ficado um pouco inchadas. As suas mãos tinham-se portado bem, caramba; ninguém poderia duvidar que ele era capaz de bater como os melhores.

O corredor estendia-se diante de si, extremamente longo e deserto. Porque demorava tanto tempo a percorrê-lo? Talvez devido ao cansaço, mas sentia-se leve e amparado pelas mãos invisíveis da satisfação física. As mãos da satisfação física. As mãos...? Não existia no mundo uma mão comparável às suas; provavelmente também não haveria nenhuma tão inchadas pelo esforço. Voltou a observá-las, balançando-se como bielas ou crianças de férias; sentiu-as profundamente suas, ligadas ao seu ser por razões mais profundas do que a conexão dos pulsos. As suas doces, as suas esplêndidas mãos vencedoras.

Assobiava, marcando o ritmo com os passos ao longo do interminável corredor. Ainda faltava uma grande distância para alcançar a porta de saída. Mas que importava isso, afinal de contas? Em casa de Emilio almoçava-se tarde, embora na verdade ele não fosse almoçar a casa de Emilio mas sim ao apartamento de Margie. Almoçaria com Margie, pelo simples prazer de lhe dizer palavras carinhosas, e regressaria depois para cumprir a jornada vespertina. Muito trabalho, na Câmara Municipal. Não havia mãos suficientes para dar conta do recado. As mãos... Mas as suas sim, essas tinham andado atarefadas ainda há pouco. Bater e bater, vingadoras; talvez por isso lhe pesassem tanto agora. E a rua estava longe, e era meio-dia.

A luz da porta começava a agitar-se na atmosfera visual de Plack. Parou de assobiar e disse: «Bliblug, bliblug, bliblug». Bonito, fala sem motivo, sem significado. Foi então que sentiu que algo arrastava pelo chão. Algo que era mais do que algo; coisas suas estavam a arrastar-se pelo chão.

Olhou para baixo e viu que os dedos das suas mãos se arrastavam pelo chão.

Os dedos das suas mãos arrastavam-se pelo chão. Dez sensações incidiam no cérebro de Plack com a colérica enunciação das novidades

repentinamente. Ele não queria acreditar, mas era verdade. As suas mãos pareciam as orelhas de um elefante africano. Gigantescas telas de carne arrastando-se pelo chão.

Apesar do horror, soltou uma risada histérica. Sentia cócegas nos dedos; cada junção das lajes da tijoleira passava-lhe pela pele como se fosse lixa. Tentou levantar uma mão, mas não conseguiu. Cada mão devia pesar uns cinquenta quilos. Nem sequer as conseguia fechar. Ao imaginar os punhos cerrados que formariam, escangalhou-se a rir. Que manáculas! Voltar para junto de Cary, sorridente e com os punhos como tambores para petróleo, estender na sua direcção um dos tambores, desenrolando-o lentamente, deixando aparecer as falanges, as unhas, meter Cary dentro da mão esquerda, sobre a palma, cobrir a palma da mão esquerda com a palma da mão direita e esfregar suavemente as mãos, fazendo Cary girar de uma ponta à outra, como um pedaço de *tagliatelle*, como Margie fazia às quintas-feiras ao meio-dia. Fazê-lo girar, assobiando canções alegres, até deixar Cary mais moído do que uma bolacha velha.

Plack alcançava agora a saída. Mal se podia mover, arrastando as mãos pelo chão. A cada irregularidade da tijoleira ficava com os nervos furiosamente em franja. Começou a praguejar em voz baixa, parecia-lhe que tudo se tornava vermelho, mas isso devia-se, em parte, aos vidros da porta.

O problema principal consistia em abrir a maldita porta. Plack resolveu-o com um pontapé, enfiando o corpo pela folha da madeira, que se abria para fora. Ainda assim, as mãos não passavam pela abertura. Colocando-se de lado, tentou passar primeiro a mão direita, depois a outra. Não conseguiu fazer passar nenhuma das duas. Pensou: *O melhor é deixá-las aqui*. Pensou nisso como se fosse possível, a sério.

— Absurdo — murmurou, mas a palavra já era como uma caixa vazia.

Tentou acalmar-se e deixou-se cair de pernas cruzadas em frente à porta; as mãos caíram-lhe como que adormecidas junto aos minúsculos pés cruzados. Plack observou-as atentamente; tirando o aumento, não tinham mudado. A verruga do polegar direito, não obstante

o facto de agora ter o tamanho de um despertador, mantinha o mesmo belo tom azul mar-adriático. O corte das unhas persistia na sua prolixidade (Margie). Plack inspirou profundamente, técnica que utilizava para se acalmar; o assunto era sério. Muito sério. Sério o suficiente para enlouquecer qualquer um. Mas conseguia realmente sentir aquilo que a sua inteligência lhe indicava. Sério, assunto sério e grave; e sorria ao dizê-lo, como num sonho. De repente deu-se conta de que a porta tinha duas folhas. Levantou-se, deu um pontapé na segunda folha e usou a mão esquerda como tranca. Devagar, calculando cuidadosamente as distâncias, conseguiu aos poucos passar as duas mãos para a rua. Sentia-se aliviado, quase feliz. O importante agora era chegar à esquina e apanhar um autocarro o mais depressa possível.

Na praça, as pessoas contemplaram-no com horror e espanto. Plack não se afligi; seria muito mais estranho se não olhassem para ele. Fez um gesto violento com a cabeça ao motorista de um autocarro para que este parasse o veículo ali mesmo na esquina. Quis subir, mas as suas mãos pesavam demasiado e ficou esgotado ao primeiro esforço. Recuou, sob a avalanche de gritos agudos que vinham do interior do autocarro, onde as idosas sentadas do lado do passeio desmaiavam uma a seguir à outra.

Plack seguia pela rua, olhando para as mãos que se iam enchendo de lixo, pequenas palhas e pedrinhas do passeio. Azar com o autocarro. Talvez o eléctrico...?

O eléctrico parou, e os passageiros soltaram gritos horrendos ao depararem com aquelas mãos que arrastavam pelo chão, e Plack no meio delas, pequenino e pálido. Os homens incitaram histericamente o condutor a arrancar sem esperar. Plack não conseguiu entrar.

— Apanharei um táxi — murmurou, começando lentamente a entrar em desespero.

Havia táxis por toda a parte. Chamou um, amarelo. O táxi parou como que contrariado. Estava um negro ao volante.

— Prados verdejantes! — balbuciou o negro. — Que mãos!

— Abre a porta, sai, pega-me na mão esquerda, levanta-a, pega-me na mão direita, levanta-a, empurra-me para dentro do carro, mais

devagar, assim está bem. Agora leva-me à rua Doze, número quarenta setenta e cinco, e depois vai para o inferno, negro dos diabos.

— Prados verdejantes! — exclamou o motorista, já recuperado o tradicional tom acinzentado. — Tem a certeza de que essas mãos são suas, senhor?

Plack gemia no seu assento. Mal havia espaço para ele: as mãos ocupavam todo o chão, transbordavam do assento. Começava a arrefecer, e Plack espirrou. Instintivamente, tentou tapar o nariz com uma mão, e por pouco não arrancou o braço. Deixou-se ficar imóvel, apático, vencido, quase feliz. As mãos repousavam, sujas e maciças, no chão do táxi. Da verruga, que tinha batido contra um poste de iluminação, escorriam algumas gotas grossas de sangue.

— Irei a um consultório médico — anunciou Plack. — Não posso entrar assim em casa de Margie. Por Deus, não posso, ocuparia o apartamento inteiro. Vou procurar um médico; ele aconselhará a amputação, eu aceitarei, é a única solução. Tenho fome, tenho sono.

Bateu com a testa no vidro da frente.

— Leva-me à Rua Cinquenta, número quarenta e oito cinquenta e seis. Consultório do doutor September.

Depois ficou tão contente com a ideia que lhe acabara de ocorrer que chegou a sentir o impulso de esfregar as mãos de contentamento; moveu-as pesadamente, mas deixou-as estar.

O negro levou-lhe as mãos até ao consultório do doutor. Houve uma corrida aterradora na sala de espera quando Plack apareceu, caminhando atrás das mãos que o negro sustinha pelos polegares, suando em bica e gemendo.

— Leva-me até àquele cadeirão; assim, está bem. Mete a mão no bolso do casaco. A tua mão, imbecil: no bolso do casaco; não, esse não, o outro. Mais fundo, criatura, assim. Tira o maço de notas, pega num dólar, fica com o troco e adeus.

Descarregava a sua irritação no prestável negro, sem saber o porquê da sua zanga. Uma questão racial, talvez, claro que sem porquês.

Já duas enfermeiras exibiam os seus sorrisos, veladamente apavorados, para que Plack apoiasse nelas as mãos. Arrastaram-no com dificuldade para o interior do consultório. O doutor September era

um indivíduo com uma cara redonda de borboleta quebrada; veio apertar a mão de Plack, mas ao perceber que a ideia exigiria certas manobras complicadas, trocou o aperto de mão por um sorriso.

– O que o traz por cá, amigo Plack?

Plack olhou-o com pena.

– Nada – respondeu com displicência. – Dói-me a árvore genealógica. Será que não vê as minhas mãos, sua imitação de médico?

– Oh, oh! – admitiu September. – Oh, oh, oh!

Ajoelhou-se e pôs-se a apalpar a mão esquerda de Plack. Parecia bastante preocupado. Começou a fazer perguntas, as habituais, que soavam estranhas agora que se aplicavam a tal assombroso fenómeno.

– Muito raro – resumiu com um ar convicto. – Extremamente estranho, Plack.

– Acha mesmo?

– Sim, é o caso mais estranho da minha carreira. Naturalmente, permitirá que tire algumas fotografias para o museu de curiosidades da Pensilvânia, não é verdade? Além de que tenho um cunhado que trabalha no *The Shout*, um jornal discreto e reservado. O pobre Korinkus anda pelas ruas da amargura; gostaria de fazer alguma coisa por ele. Uma reportagem sobre o homem das mãos... digamos, das mãos extraordinárias, seria um triunfo para Korinkus. Dar-lhe-emos esse exclusivo, não acha? Podíamos trazê-lo cá esta mesma noite.

Plack cuspiu com raiva. Todo o corpo lhe tremia.

– Não, não sou nenhuma atracção de circo – disse, com uma expressão sombria. – Vim cá apenas para me amputarem isto. Agora mesmo, entende? Pagarei o que for preciso, tenho um seguro que cobre estas despesas. Além disso, tenho amigos que respondem por mim; assim que souberem o que me aconteceu, virão como um só homem para me apertar a... Bem, eles hão-de vir.

– O senhor é que sabe, meu caro amigo – o doutor September consultou o seu relógio de pulso. – São três da tarde (e Plack sentiu um sobressalto, pois não podia acreditar que tivesse passado tanto tempo). Se o operar já, terá de passar a fase pior à noite. Esperamos até amanhã? Entretanto, Korinkus...

— O pior momento é o que estou a passar agora — respondeu Plack, levando mentalmente a mãos à cabeça. — Opere-me, doutor, por Deus. Opere-me... Estou a dizer-lhe para me operar! Opere-me, homem... não seja criminoso...! Compreenda o meu sofrimento! Alguma vez lhe cresceram as mãos, a si...? Pois a mim, sim! Aí tem... é que a mim, sim!!!

Chorava, e as lágrimas escorriam-lhe impunemente pela cara, pingando até se perderem nas grandes rugas das palmas das suas mãos, que descansavam voltadas para cima no chão, com o dorso pousado sobre as lajes frias.

O doutor September encontrava-se agora rodeado por um diligente grupo de enfermeiras, cada uma mais bonita do que a outra. Entre todas, sentaram Plack num banco e colocaram-lhe as mãos sobre uma mesa de mármore. Fervilhavam fogos, cheiros intensos confundiam-se no ar. Brilhos de metais, ordens ditadas. O doutor September, envolto em sete metros de tecido branco; nele o único sinal de vida eram os olhos. Plack começou a pensar no terrível momento de regresso à vida, depois da anestesia.

Deitaram-no suavemente, de forma que as mãos ficassem colocadas sobre a mesa de mármore onde se levaria a cabo o sacrifício. O doutor September aproximou-se, rindo por baixo da máscara.

— Korinkus virá tirar fotografias — afirmou. — Ouça, Plack, isto é fácil. Pense em coisas alegres e o seu coração não sofrerá. Despediu-se das suas mãos? Quando acordar... já não as terá consigo.

Plack fez um gesto tímido. Começou a olhar para as mãos, primeiro para uma, depois para a outra. *Adeus, meninas*, pensou. *Quando estiverem no aquário de formol que vos será especialmente destinado, lembrem-se de mim. Lembrem-se de Margie, que vos beijava. Lembrem-se de Mitt, cujo pêlo acariciavam. Perdoo-vos a triste partida, em homenagem à tarefa que deram a Cary, esse vaidoso insolente...*

Tinham aproximado algodões do seu rosto, e Plack começava a sentir um odor adocicado e pouco agradável. Tentou protestar, mas September fez um discreto sinal de reprovação. Então Plack calou-se. Era melhor deixar que o pusessem a dormir, entreter-se a pensar em coisas alegres. Na briga com Cary, por exemplo. Ele não o tinha

provocado. Quando Cary disse: «És um covarde, um canalha, e além do mais um mau poeta», as palavras decidiram o curso das acções, tal como costuma acontecer nesta vida. Plack avançou dois passos em direcção a Cary e começou a bater-lhe. Estava seguro de que Cary lhe responderia com igual violência, mas não sentiu nada. Apenas sentia as suas mãos, que, com uma velocidade prodigiosa, finalizando o impulso fulminante dos braços, acertavam no nariz, nos olhos, na boca, nas orelhas, no pescoço, no peito e nos ombros de Cary.

Lentamente, voltava a si. Ao abrir os olhos, a primeira imagem que diante deles se projectou foi a de Cary. Um Cary muito pálido e inquieto, que se inclinava, balbuciante, sobre ele.

– Meu Deus...! Plack, meu velho... Nunca pensei que fosse acontecer uma coisa destas...

Plack não compreendeu. Cary, ali? Pensou que o doutor September, prevendo alguma complicação pós-operatória, tivesse avisado os seus amigos. Porque, além de Cary, via agora os rostos dos outros funcionários da Câmara Municipal que se agrupavam à volta do seu corpo estendido.

– Como estás, Plack? – perguntava Cary com a voz embargada.
– Sentes-te... sentes-te melhor?

Então, de forma fulminante, Plack compreendeu a verdade. Tinha sonhado! Tinha sonhado! *Cary acertou-me com um murro no maxilar, deixando-me inconsciente; no meu desmaio sonhei com aquele horror das mãos...*

Soltou uma gargalhada de alívio. Uma, duas, muitas gargalhadas. Os seus amigos contemplavam-no, os seus rostos ainda ansiosos e assustados.

– Oh meu grande imbecil! – exclamou Plack, fitando Cary com olhos brilhantes. – Venceste-me, mas espera até eu recuperar um pouco... vou dar-te uma tarefa que te deixará um ano de cama...!

Ergueu os braços para confirmar as suas palavras com um gesto decidido. Foi então que os seus olhos viram os cotos.

III

O TELEFONE TOCA, DELIA

As mãos de Delia doíam-lhe. Como vidro moído, a espuma do sabão infiltrava-se nas fendas da sua pele, provocando nos nervos uma dor áspera, entrecortada bruscamente por pontadas lancinantes. Delia teria chorado sem se preocupar em esconder-se, entregando-se à dor como a um abraço necessário. Não chorava porque uma energia secreta a afastava da fácil entrega aos soluços; a dor do sabão não era razão suficiente, depois de todo o tempo que passara a chorar por Sonny, a chorar pela ausência de Sonny. Teria sido degradante, chorar sem o único motivo que para ela merecia o dom das suas lágrimas. Além do mais, ali estavam Babe e a ausência de Sonny. Babe no seu berço de ferro, pago a prestações. Lá estava Babe, como sempre, no berço ou a gatinhar sobre o tapete puído; e lá estava a ausência de Sonny, presente por toda a parte, como acontece com as ausências.

A tina, sacudida no seu suporte pelo ritmo das esfregadelas, somava-se à percussão de um *blues* cantado pela jovem de pele escura que Delia admirava nas revistas de rádio. Delia preferia sempre as transmissões da cantora de *blues*: das sete e um quarto da tarde — a rádio, entre uma música e outra, anunciava a hora com um «hi, hi» de rato assustado — até às sete e meia. Delia não pensava nunca «nas dezanove e trinta»; preferia a velha nomenclatura familiar, tal como proclamava o relógio de parede, de pêndulo fatigado, que Babe observava agora com um cómico balançar da sua cabecinha insegura. Delia gostava de olhar fixamente para o relógio

e de ouvir o «hi, hi» da rádio; ainda que lhe entristecesse associar o tempo à ausência de Sonny, à maldade de Sonny, ao abandono, a Babe, ao desejo de chorar e ao comentário da senhora Morris, que dissera que a conta da mercearia devia ser paga imediatamente, e à lembrança de quão bonitas eram as suas meias cor de avelã.

Sem saber ao certo porquê, Delia deu por si a olhar furtivamente para uma fotografia de Sonny, pendurada ao lado da mesinha do telefone. Pensou: *Hoje ninguém me ligou*. Nem compreendia bem a razão pela qual continuava a pagar o telefone todos os meses. Ninguém ligava para aquele número desde que Sonny partira. Os amigos, porque Sonny tinha muitos amigos, sabiam bem que ele era agora um estranho para Delia, para Babe, para o pequeno apartamento onde as coisas se amontoavam no espaço exíguo de duas divisões. Apenas Steve Sullivan ligava, de vez em quando, e falava com Delia; falava para lhe dizer quão contente ficava por saber que ela estava de boa saúde, e que não pensasse que o que acontecera entre ela e Sonny seria motivo para ele deixar de lhe telefonar para saber da sua saúde e dos dentinhos de Babe. Apenas Steve Sullivan. E naquele dia o telefone não tinha tocado uma única vez, nem sequer por engano.

Eram sete e vinte. Delia escutou o «hi, hi» misturado com anúncios de pasta dentífrica e cigarros mentolados. Ficou também a saber que o governo de Daladier estava por um fio. Depois, a cantora de *blues* regressou e Babe, que parecia inclinado a chorar, fez um gesto engraçado de alegria, como se naquela voz morena e densa houvesse alguma guloseima de que gostasse. Delia foi despejar a água ensaboada e secou as mãos, queixando-se de dor ao esfregar a toalha na carne macerada.

Mas não ia chorar. Só por Sonny podia ela chorar. Em voz alta, dirigindo-se a Babe, que sorria no seu berço desarrumado, procurou palavras que justificassem um soluço, um gesto de dor.

— Se ele pudesse compreender o mal que nos fez, Babe... Se tivesse alma, se fosse capaz de pensar, nem que fosse por um segundo, no que deixou para trás quando fechou a porta com uma explosão de raiva... Dois anos, Babe, dois anos... e nada soubemos dele... Nem uma carta, nem dinheiro... nem sequer um envio para ti, para roupa

e sapatinhos... Já nem te lembras do dia do teu aniversário, pois não? Foi no mês passado, e eu fiquei junto ao telefone, contigo ao colo, à espera que ele ligasse, que dissesse apenas: «Olá, parabéns!», ou que te mandasse um presente, só uma lembrança, um coelhinho ou uma moeda de ouro...

Assim, as lágrimas que lhe queimaram as faces pareceram-lhe legítimas porque as derramava ao pensar em Sonny. E foi nesse momento que o telefone tocou, precisamente quando na rádio se ouvia o metódico e agudo «hi, hi» anunciando as sete e vinte e dois.

— Estão a ligar — disse Delia, olhando para Babe como se o bebé pudesse compreender. Aproximou-se do telefone, sentindo-se um pouco insegura ao pensar que talvez fosse a senhora Morris a cobrar a dívida. Sentou-se no banco. Não sentia pressa, apesar do toque persistente. E disse:

— Estou.

Demorou a ouvir-se a resposta.

— Sim. Quem fala...?

Claro que ela já sabia, e por isso lhe parecia que a sala girava, que o ponteiro dos minutos do relógio se transformara numa hélice furiosa.

— É o Sonny, Delia... O Sonny.

— Ah, Sonny.

— Vais desligar?

— Sim, Sonny — respondeu ela, muito devagar.

— Delia, preciso de falar contigo.

— Sim, Sonny.

— Tenho muitas coisas para te dizer, Delia.

— Está bem, Sonny.

— Estás... estás zangada?

— Não posso estar zangada. Estou triste.

— Sou um desconhecido para ti... um estranho, agora?

— Não me perguntes isso. Não quero que me perguntes isso.

— É que me dói, Delia.

— Ah, dói-te.

— Por amor de Deus, não me fales assim, com esse tom...

— ...

— Estou?

— Estou. Achei que...

— Delia...

— Sim, Sonny.

— Posso fazer-te uma pergunta?

Ela notava algo de estranho na voz de Sonny. Claro que já podia ter esquecido um pouco a voz de Sonny. Sem formular a pergunta, percebeu que estava a pensar se ele lhe estava a ligar da prisão ou de um bar qualquer... Havia silêncio por trás da voz dele; e quando Sonny se calava, tudo era silêncio, um silêncio nocturno.

— ... uma pergunta apenas, Delia.

Babe, do berço, olhou para a mãe, inclinando a cabecinha num gesto de curiosidade. Não revelava impaciência nem vontade de chorar. A rádio, na outra ponta da sala, acusou novamente a hora: «hi, hi», sete e vinte e cinco. E Delia ainda não tinha posto o leite de Babe a aquecer, nem tinha pendurado a roupa acabada de lavar.

— Delia, quero saber se me perdoas.

— Não, Sonny, não te perdoo.

— Delia...

— Sim, Sonny.

— Não me perdoas?

— Não, Sonny, o perdão não vale de nada agora... Perdoa-se a quem ainda se ama um pouco... e é por Babe, é por Babe que não te perdoo.

— Por Babe, Delia? Achas-me capaz de o ter esquecido?

— Não sei, Sonny. Mas nunca te deixaria voltar para o lado dele, porque agora ele é só meu filho, só meu filho. Nunca to permitiria.

— Isso já não importa, Delia — disse a voz de Sonny, e Delia sentiu novamente, mas com mais força, que à voz de Sonny faltava (ou sobrava?) alguma coisa.

— De onde estás a ligar?

— Também não importa — disse a voz de Sonny, como se lhe custasse responder.

— Mas...

– Deixemos isso, Delia.

– Está bem, Sonny.

(Eram sete e vinte e sete.)

– Delia... imagina que me ia...

– Tu, ires-te? Porquê?

– Pode acontecer, Delia... Acontecem tantas coisas que... Compreende, compreende... Ir-me assim, sem o teu perdão... ir-me assim, Delia, sem nada... nu... nu e sozinho!

(A voz, tão estranha. A voz de Sonny, como se não fosse a voz de Sonny, mas ao mesmo tempo fosse a voz de Sonny.)

– Tão sem nada, Delia... Sozinho e nu, a ir-me assim... sem outra coisa senão a minha culpa... Sem o teu perdão, sem o teu perdão, Delia!

– Porque estás a falar assim, Sonny?

– Porque não sei... Estou tão sozinho, tão privado de carinho, tão estranho...

– Mas...

Como que através de uma névoa, Delia olhava fixamente para a frente, para o relógio. Sete e vinte e nove; o ponteiro coincidia com a linha firme que precedia o traço mais grosso da meia hora.

– *Delia... Delia...!*

– De onde estás a ligar...? – gritou ela, inclinando-se sobre o telefone, começando a sentir medo, medo e amor; e sede, muita sede, e querendo passar os dedos pelo cabelo escuro de Sonny, e beijá-lo na boca:

– De onde estás a ligar...?

– ...

– De onde estás a ligar, Sonny?

– ...

– Sonny!

– ...

– Estou, estou...! Sonny!

– ... *O teu perdão, Delia...*

O amor, o amor, o amor. Perdão, que absurdo, agora...

– Sonny... Sonny, vem...! Vem, estou à tua espera...! Vem...!

(«Meu Deus. Meu Deus...!»)

— ...

— Sonny!

— ...

— Sonny! Sonny!!

— ...

Nada.

Eram sete e meia. O relógio marcava a hora. E a rádio: «hi, hi». O relógio, a rádio e Babe, que tinha fome e olhava para a mãe, um pouco surpreendido pela demora.

Chorar, chorar. Deixar-se ir, corrente abaixo, no pranto, ao lado de uma criança inquietantemente silenciosa, como se compreendesse que, perante um choro daqueles, qualquer imitação devia ser calada. Da rádio chegou um piano dulcíssimo, com acordes líquidos, e então Babe começou a adormecer com a cabeça pousada no antebraço da mãe. Havia na sala como que um grande ouvido atento, e os soluços de Delia ascendiam pelas espirais das coisas, demoravam-se, arfando, antes de se perderem nas galerias interiores do silêncio. O toque da campainha. Um som seco. Alguém tossia à porta.

— Steve!

— Sou eu, Delia — disse Steve Sullivan. — Estava a passar por aqui, e...

Seguiu-se uma longa pausa.

— Steve... vem da parte de...?

— Não, Delia.

Steve estava triste, e Delia fez um gesto maquinal a convidá-lo a entrar. Reparou que ele já não caminhava com o passo seguro de antes, quando aparecia à procura de Sonny ou vinha jantar com eles.

— Sente-se, Steve.

— Não, não... vou-me já embora. Delia, não sabe nada de...

— Não, nada...

— E, claro, já não gosta dele...

— Não, não gosto dele, Steve. Mas isso o que tem que ver...

– Trago-lhe uma notícia, Delia.

– A senhora Morris...?

– Trata-se de Sonny.

– De Sonny? Está preso?

– Não, Delia.

Delia deixou-se cair no banco. A sua mão tocou o telefone frio.

– Ah...! Pensei que talvez me tivesse ligado da prisão...

– Ele falou consigo?

– Sim, Steve. Queria pedir-me perdão.

– O Sonny? O Sonny pediu-lhe perdão por telefone?

– Sim, Steve. E eu não o perdoei. Nem Babe nem eu poderíamos perdoá-lo.

– Oh, Delia!

– Não podíamos, Steve. Mas depois... não me olhe assim... depois chorei como uma tonta... veja os meus olhos... e quem me dera que... mas você disse que tinha uma notícia... uma notícia sobre Sonny...

– Delia...

– Já sei, já sei... nem precisa de mo dizer; roubou outra vez, não foi? Está preso e ligou-me da prisão... Steve... agora tenho de saber!

Steve parecia atordoado. Olhou em volta, como se precisasse de um ponto de apoio.

– Quando é que ele lhe ligou, Delia?

– Há pouco, às sete... sete e vinte, agora lembro-me bem. Falámos até às sete e meia.

– Mas Delia, não pode ser.

– Porque não? Queria que o perdoasse, Steve, e assim que desligou percebi que estava verdadeiramente sozinho, desesperado... Mas aí já era tarde, porque fartei-me de gritar ao telefone... era tarde. Estava a ligar da prisão, não era?

– Delia... – Steve tinha agora um rosto pálido e indistinto, os seus dedos crispavam-se na aba do chapéu gasto. – Por Deus, Delia...

– O que foi, Steve...?

– Delia... não pode ser, não pode ser...! Sonny não pode ter ligado há meia hora!

— Porque não? — replicou ela, pondo-se de pé num súbito movimento de terror.

— Porque Sonny morreu às cinco, Delia. Mataram-no com um tiro, na rua.

Do berço chegava a respiração ritmada de Babe, alinhada com o balanço do pêndulo. O pianista já não tocava na rádio; a voz do locutor, cerimoniosa, elogiava com eloquência um novo modelo de automóvel: moderno, económico, extremamente veloz.

1938

IV

A PROFUNDA SESTA DE REMI

Já vinham. Tantas vezes tinha imaginado os passos, distantes e leves, depois pesados e próximos, vacilando ligeiramente nos últimos metros, como numa última hesitação. A porta abriu-se sem que ele ouvisse o familiar ranger da chave; tão atento estava a esperar o momento de se erguer e enfrentar os seus carrascos.

A frase formou-se na sua consciência antes que os lábios do carcereiro a pronunciassem. Quantas vezes suspeitara que apenas uma coisa poderia ser dita nesse instante, uma coisa simples e clara que continha tudo. Ouviu-a:

— Está na hora, Remi.

A pressão nos braços era firme, mas sem malícia nem dureza. Sentiu-se conduzido como num passeio pelo corredor, olhando desinteressadamente para algumas silhuetas que se agarravam às grades, e que ganhavam de repente uma importância imensa e, ao mesmo tempo, terrivelmente inútil, a mera importância de serem silhuetas vivas que continuariam a mover-se por muito tempo. A câmara maior, nunca antes vista (mas que Remi conhecia na sua imaginação e que era exactamente como a tinha imaginado), uma escada sem apoios porque, com ele, subiam também os apoios laterais dos carcereiros. E acima, mais acima...

Sentiu o laço redondo, soltaram-no bruscamente, e por um instante ficou sozinho e quase livre, mergulhado num silêncio cheio de vazio. Então quis antecipar-se ao que estava prestes a acontecer, como sempre fazia, desde pequeno; adiantar-se ao facto por via da

reflexão. Meditou, naquele instante fulminante, nas possibilidades sensoriais que o galvanizariam um segundo depois de abrirem a escotilha. Cair num grande poço negro, ou apenas uma lenta e atroz asfixia, ou algo que não o satisfazia por completo enquanto construção mental; algo defeituoso, insuficiente, algo...

Cansado, retirou do pescoço a mão com a qual tinha fingido a corda ensaboada; mais uma comédia estúpida, mais uma sesta perdida por culpa da sua imaginação doentia. Endireitou-se na cama e procurou os cigarros só para fazer alguma coisa; ainda tinha na boca o sabor do anterior. Acendeu um fósforo e ficou a olhar para ele até quase queimar os dedos; a chama bailava-lhe diante dos olhos. Depois estudou-se, em vão, ao espelho do lavatório. Era hora de tomar banho, ligar para Morella e marcar encontro em casa da senhora Belkis. Mais uma sesta perdida; a ideia atormentava-o como um mosquito, e ele esforçou-se para a afastar. Porque não varria o tempo de uma vez por todas aqueles resquícios de infância, a tendência para se ver como uma personagem heróica e forjar, na modorra de Fevereiro, longos episódios em que a morte o esperava ao pé de uma cidade muralhada ou no alto de um cadafalso? Quando era criança: pirata, guerreiro gaulês, Sandokan, concebendo o amor como uma empresa na qual só a morte constituía um troféu satisfatório. Na adolescência, imaginava-se ferido e sacrificado — revoluções da sesta, derrotas admiráveis em que algum amigo dilecto ganhava a vida à custa da sua! —, sempre capaz de entrar na sombra pela escotilha elegante de alguma frase final que o fascinava construir, recordar, ter pronta. Esquemas já estabelecidos: a) A revolução em que Hilário o enfrentava na trincheira oposta. Etapas: tomada da trincheira, cerco a Hilário, encontro num clima de destruição, sacrifício ao dar-lhe o uniforme e deixá-lo escapar, um tiro suicida para manter as aparências. b) Resgate de Morella (quase sempre impreciso); leito de agonia — intervenção cirúrgica inútil — e Morella a segurar-lhe as mãos e a chorar; frase magnífica de despedida, beijo de Morella na sua testa suada. c) Morte perante o povo que rodeava o cadafalso; uma vítima ilustre, por regicídio ou alta traição, Sir Walter Raleigh, Álvaro Luna, etc. Palavras finais (o rufar dos tambores abafa

a voz de Luís XVI), o carrasco diante dele, um sorriso magnífico de desprezo (Carlos I), o pavor do público transformado em admiração diante de tão grande heroísmo.

De um devaneio assim acabava de voltar — sentado na beira da cama, continuava a olhar-se ao espelho, ressentido — como se não tivesse já trinta e cinco anos, como se não fosse ridículo manter esses resquícios de infância, como se não estivesse calor a mais para imaginar tais cenas. Variante daquela sesta: execução em privado, numa prisão londrina onde enforcavam pessoas sem muitas testemunhas. Um fim sórdido, mas digno de ser saboreado lentamente. Olhou para o relógio e eram quatro e dez. Mais uma tarde perdida...

Porque não conversar com Morella? Discou o número, sentindo ainda o mau gosto das sestas, e isso apesar de não ter dormido, de ter apenas imaginado a morte como tantas vezes em criança. Quando atenderam do outro lado, a Remi pareceu-lhe que o «Estou!» que ouviu não era o de Morella, mas sim uma voz de homem, e que se ouvia um murmúrio abafado quando perguntou: «Morella?», e depois sim, a sua voz fresca e aguda, com o cumprimento de sempre, mas um pouco menos espontâneo precisamente porque Remi o escutava com uma espontaneidade desconhecida.

Da rua Greene até à casa de Morella eram exactamente dez quarteirões. Se fosse de carro, dois minutos. Mas não lhe tinha dito ele: «Vemo-nos às oito em casa da senhora Belkis»? Quando chegou, praticamente atirando-se do táxi, eram quatro e um quarto. Entrou a correr pela sala, subiu ao primeiro andar, parou diante da porta de mogno (a da direita de quem viesse das escadas) e abriu-a sem bater. Ouviu o grito de Morella antes de a ver. Lá estavam Morella e o tenente Dawson, mas só Morella gritou ao ver o revólver. A Remi pareceu-lhe que o grito tinha sido seu, um alarido que se quebrava de repente na sua garganta contraída.

O corpo deixava de tremer. A mão do carrasco procurou o pulso nos tornozelos. As testemunhas já se começavam a retirar.

V

PUZZLE

Para Rufus King

Você tinha feito as coisas com tamanha precisão que ninguém, nem mesmo o morto, poderia culpá-lo do assassinato.

À noite, quando as substâncias se fundem numa identidade de arestas e de planos que só a luz poderia quebrar, aproximou-se armado de faca curva, de lâmina vibrante e sonora, e parou junto ao quarto. Pôs-se à escuta e, ao não encontrar outra resposta que não o silêncio, empurrou a porta; não com a lentidão sistemática da personagem de Poe, aquela que odiava um olho, mas com uma decisão alegre, como quem entra em casa da namorada ou se prepara para receber um aumento de salário. Empurrou a porta, e apenas um motivo de elementar precaução o dissuadiu de assobiar uma melodia. Que, escusado será dizer, teria sido *Gimiendo por ti*.

Ralph costumava dormir de lado, oferecendo o flanco aos olhares ou a facas. Você aproximou-se lentamente, calculando a distância que o separava da cama; quando estava a um metro, parou. A janela, que Ralph deixava aberta para receber a brisa da madrugada (e que depois fechava apenas pelo prazer de voltar a dormir até às dez), deixava entrar a luz dos reclamos luminosos. Nova Iorque estava ruidosa e cheia de caprichos naquela noite, e você achou graça à competição, feroz e sem tréguas, entre as marcas de cigarros e os diferentes tipos de pneus.

Mas aquele não era o momento para apreciações humorísticas. Era preciso concluir uma tarefa iniciada com uma alegre decisão e você, mergulhando os dedos no cabelo e atirando-o para trás, decidiu apunhalar Ralph, poupando-se a qualquer tipo de preliminar ou *mise-en-scène*.

De acordo com tal princípio, colocou o pé direito no pequeno tapete vermelho que marcava o lugar preciso do leito de Ralph (claro que com um passo em frente); esquecendo-se dos reclamos luminosos, virou o tronco para a esquerda e, movendo o braço como se estivesse a dar uma tacada de golfe, enterrou a faca no dorso de Ralph, alguns centímetros abaixo da axila.

Ralph despertou no preciso instante em que morreu e teve consciência da sua morte. Isso não deixou de lhe agradar a si. Preferia que Ralph compreendesse a sua morte, e que o termo de tão odiada vida tivesse outro espectador directamente interessado no assunto.

Ralph soltou um suspiro, e a seguir um gemido, e depois outro suspiro, e depois um borborismo, e nada ficou no ar que pudesse suscitar dúvidas de que a morte havia entrado juntamente com a faca e se abraçava agora à sua recente conquista.

Você retirou a lâmina, limpou-a com um lenço, acariciou suavemente o cabelo de Ralph — o que constituía uma ofensa premeditada — e dirigiu-se para a janela. Ficou muito tempo inclinado sobre o abismo, contemplando Nova Iorque. Olhava-a atentamente, com o gesto de um descobridor que se adianta visualmente à proa do seu navio. A noite era antipoética e calva. Lá em baixo, as silhuetas dos automóveis regressavam à condição de escaravelhos e pirlampos sob o império da cor e da hora e da distância.

Você abriu a porta, voltou a fechá-la, e seguiu pelo corredor com uma doce e angelical expressão sorridente, perdida para lá dos dentes.

- Bom dia.
- Bom dia.
- Dormiste bem?
- Sim, e tu?
- Também.
- Queres tomar o pequeno-almoço?

- Sim, maninha.
- Biscoitos?
- Obrigado, maninha.
- Aqui tens o jornal.
- Vou lê-lo, maninha.
- É estranho que Ralph ainda não se tenha levantado.
- É muito estranho, maninha.

Rebeca estava em frente ao espelho, a aplicar pó-de-arroz. A polícia observava os seus gestos da porta do quarto. O agente, com uma cara que parecia uma gaiola azul-celeste, tinha uma maneira de olhar suspeita, presumindo culpas à distância.

O pó-de-arroz cobria as faces de Rebeca. Maquilhava-se de forma mecânica, pensando o tempo todo em Ralph. Nas pernas de Ralph, nos seus músculos lisos e brancos. Nas clavículas de Ralph, tão peculiares. Na maneira como Ralph se vestia, no seu artístico desalinho.

Você estava no seu quarto, rodeado pelo inspetor e por vários detectives. Faziam-lhe perguntas, e você respondia, enterrando a mão esquerda no cabelo.

– Não sei de nada, meus senhores. Ontem à tarde foi a última vez que o vi.

- Acredita num suicídio?
- Acreditaria, se visse o cadáver.
- Talvez o encontremos hoje.
- Não havia sinais de violência no quarto?

Os inspetores ficaram maravilhados por você começar a interrogar o inspetor, e isso divertiu-o imensamente. O inspetor, por sua vez, não cabia em si de espanto.

- Não, não há sinais de violência.
- Ah. Pensei que pudessem ter encontrado sangue na cama, ou na almofada.
- Quem sabe...
- Porque é que dizes isso?

- Ainda falta fazer uma coisa.
- O quê, maninha?
- O jantar.
- Oh!
- E esperar que Ralph chegue.
- Oxalá chegue.
- Vai chegar.
- Falas com convicção, maninha.
- Ele virá.
- Quase me convences.
- Irás convencer-te.

Foi então que você passou em revista alguns acontecimentos. Fê-lo aproveitando uma pausa no cerco policial.

Lembrou-se de como ele pesava. Disse a si mesmo que a destreza tinha sido um factor importante na obtenção do resultado. O corredor, ao amanhecer. E o céu plúmbeo, carregado de cães vadios cor de manteiga.

Seria necessário pintar alguma gaiola de pássaros, e em breve. Comprar uma tinta carmesim, ou, melhor, vermelhão, ou talvez púrpura, embora o melhor talvez fosse violeta. Pintar a gaiola de violeta, usando as calças e a camisa que agora repousavam ao lado de uma certa coisa.

Segundo: Pensou na necessidade de comprar areia, dividi-la em vários pacotes de cinco quilos e levá-la para casa. A areia serviria para contrabalançar derivações de ordem sensorial.

Terceiro: Pensou que a tranquilidade de Rebeca devia ter origens neuróticas, e começou a perguntar a si mesmo se, no final de contas, não lhe teria prestado um enorme favor.

Mas claro que estas coisas não podiam ser averiguadas devidamente.

– Adeus, sargento.

– Adeus, senhor.

– Feliz Natal, sargento.

– Igualmente, senhor.

A casa ficou sozinha, apenas com os seus dois habitantes.

Rebeca colocou a tampa na panela da sopa. Colocou-a lentamente. Você estava na sala de jantar, a ouvir rádio, à espera do jantar. Rebeca olhou para a panela, depois para a travessa da salada, e a seguir para o vinho. Você criticava mentalmente Ruddy Vallée.

Rebeca entrou com a bandeja e foi sentar-se no seu lugar, enquanto você desligava o rádio e ocupava a cadeira à cabeceira da mesa.

– Ele ainda não voltou.

– Vai voltar.

– Talvez, maninha.

– Mas tens dúvidas?

– Não. Quero dizer, quem me dera não as ter.

– Garanto-te que vai voltar.

Você sentiu-se impelido para a ironia. Era perigoso, mas não se deixou intimidar.

– Pergunto-me se alguém que não partiu... poderá voltar.

Rebeca olhava para si com uma intensidade incrível.

– Isso é o que eu me pergunto.

Você não gostou nada dessa resposta.

– Porque dizes isso, maninha?

Rebeca continuava a olhar para si com uma intensidade incrível.

– Porquê supor que ele não partiu?

Você começou a sentir os cabelos da nuca a eriçarem-se.

– Porquê? Porquê, maninha?

Rebeca olhava para si com uma intensidade incrível.

– Serve a sopa.

– Porque devo servi-la eu, maninha?

– Serve-a tu, esta noite.

– Está bem, maninha.

Rebeca passou-lhe a panela da sopa, e você colocou-a ao seu lado. Não sentia apetite nenhum, o que já havia previsto que fosse acontecer.

Rebeca olhava para si com uma intensidade incrível.

Então, você levantou a tampa da panela. Fê-lo lentamente, tão lentamente quanto Rebeca a tinha pousado. Sentia um medo estranho de destapar a panela da sopa, mas compreendia que eram apenas os seus nervos a pregarem-lhe uma partida. Pensou que seria bom estar longe, no rés-do-chão, e não no último dos trinta andares, a sós com ela.

Rebeca olhava para si com uma intensidade incrível.

E quando a tampa da panela foi completamente levantada, e você olhou para o interior, e depois olhou para Rebeca, e Rebeca olhou para si com uma intensidade incrível, e olhou depois para o interior da panela, e sorriu, e você começou a gemer, e tudo começou a dançar diante dos seus olhos, as coisas foram perdendo relevo, e apenas restou a visão da tampa a erguer-se devagar, o líquido da panela, e... e...

Você não esperava uma coisa daquelas. Era demasiado inteligente para esperar uma coisa daquelas. A sua inteligência era tal que o excedente não conseguiu continuar a viver no interior do seu cérebro, pelo que decidiu procurar uma escapatória. Agora, você faz contas e mais contas, sentado no catre. Ninguém consegue arrancar-lhe uma palavra que seja, mas você costuma olhar para a janela, como se esperasse ver reclamos luminosos, e depois avança o pé direito, vira o tronco como quem se prepara para dar uma tacada numa bola de golfe, e enterra a mão vazia no vazio do ar da cela.

Histórias de Gabriel Medrano

Para Jorge D'Urbano Viau

I

RETORNO DA NOITE

Uma pessoa adormece; é só isso. Ninguém poderá alguma vez dizer qual o instante em que as portas se abrem para os sonhos. Naquela noite adormeci como sempre, e tive, como sempre, um sonho. Só que...¹

Naquela noite sonhei que me sentia muito mal. Que morria devagar, fibra a fibra. Uma dor horrível no peito; e que, ao respirar, a cama se transformava em espadas e vidro. Fiquei coberto de suor frio, sentia aquele tremor terrível nas pernas que já uma vez, uns anos atrás... Quis gritar, para que me ouvissem. Estava sedento, com medo, febril; uma febre de serpente, viscosa e gelada. Ao longe ouvia-se o canto de um galo e, de forma lancinante, alguém assoviava no caminho.

Devo ter sonhado durante muito tempo, mas sei que as minhas ideias se tornaram subitamente claras e que me sentei na escuridão, ainda a tremer sob o peso do pesadelo. É inexplicável a forma como a vigília e o sonho permanecem entrelaçados nos primeiros momentos de um despertar, recusando-se a separar as suas águas. Sentia-me muito mal; não tinha a certeza de que aquilo me tivesse realmente

1 Compreendo que este relato exige um prelúdio adequado, com o tom que os romancistas ingleses dão às suas histórias de mistério. Um acorde sombrio que se aloje na medula; uma luz púrpura. Também teria sido necessário explicar detalhadamente a história do meu problema de coração e como, numa destas noites, hei-de ficar subitamente com a última expressão estampada no rosto, uma máscara. Mas perdi a fé nas palavras e nos prelúdios, e mal me aventuro na linguagem para dizer este tipo de coisas.

acontecido, mas também não conseguia suspirar, aliviado, e voltar a um sono já livre de terrores. Procurei o candeeiro e acho que o acendi, pois as cortinas e o grande armário anunciaram-se bruscamente diante dos meus olhos. Tinha a impressão de estar muito pálido. Quase sem saber como, dei por mim de pé, dirigindo-me ao espelho do roupeiro com vontade de ver o meu rosto, de afastar o horror imediato do pesadelo.

Quando parei diante do roupeiro passaram alguns segundos até compreender que o meu corpo não se reflectia no espelho. Totalmente desperto, teria ficado arrepiado, mas naquele automatismo das minhas atitudes pareceu-me uma explicação simples o facto de a porta do roupeiro estar fechada e, como tal, o ângulo do espelho não me poder incluir. Com a mão direita, abri rapidamente a porta.

E então vi-me, mas não me vi a mim mesmo. Quer dizer, não me vi no espelho. No espelho não havia nada. Cruelmente iluminada pelo candeeiro, estava a cama, e o meu corpo jazia nela, com um braço nu pendendo até ao chão e o rosto branco, sem pinga de sangue.

Acho que gritei. Mas as minhas próprias mãos sufocaram o grito. Não me atrevia a virar-me, a acordar de uma vez por todas. Nem sequer a absurda irrealidade daquilo se firmava na minha apatia. De pé, diante do espelho que não devolvia a minha imagem, continuei a olhar para o que havia atrás de mim. Compreendendo, pouco a pouco, que eu estava na cama e que tinha acabado de morrer.

O pesadelo... Não, não tinha sido isso. A realidade da morte. Mas como...

— Como...?

Não cheguei a formular a pergunta. Uma assombrosa sensação de alguma coisa inevitável, consumada, invadiu-me a consciência. Acreditava que via tudo claro, pareceu-me que tudo fazia sentido. Mas não sabia o que era que via com clareza nem como poderia explicar-se tudo aquilo. Devagar, afastei-me do espelho e olhei para a cama.

Era tão natural. Vi que jazia ligeiramente de lado, com o início de uma rigidez no rosto e nos músculos do braço. O meu cabelo, desgrehado e brilhante, estava húmido de uma agonia que eu

acreditara ter sonhado, uma agonia desesperada que antecedia a aniquilação total.

Aproximei-me do meu cadáver. Toquei numa mão, mas fui repellido pelo frio que senti. Da boca saía um fio de espuma, e gotas de sangue brilhavam na almofada informe, torcida, colocada quase debaixo das costas. O nariz, subitamente afilado, exibia veias que desconhecia até então. Compreendi tudo o que tinha sofrido antes de morrer. Os meus lábios estavam cerrados, cruelmente duros e, por entre as pálpebras entreabertas, os meus olhos azul-esverdeados fitavam-me, com um reproche fixo.

Passei da calma ao estupor, violentamente. Um segundo depois, estava refugiado no canto oposto ao da cama, convulso e trémulo. A minha severa tranquilidade, ali no leito, quase servia de exemplo, mas não sentia em mim os golpes da loucura; agarrava-me ao medo como a um refúgio. Que aquilo fosse possível, que eu estivesse ali, a três metros do meu corpo retraído na sua morte, que a noite, o pesadelo, o espelho, o medo, o relógio a marcar as três e dezanove, e o silêncio...

Chega-se ao ápice e é preciso descer. Os meus nervos – os meus nervos? – tornaram-se frouxos; devagar, a calma regressou, transformando-se numa dor doce, num pranto que era como uma mão amiga a surgir da sombra. Agarrei essa mão e deixei-me levar, interminavelmente.

«Então, estou morto. Nada de investigações sobre o absurdo. Ali estou: sou prova suficiente. Cada vez mais rígido e mais distante. A mola tensa quebrou-se, e eis-me a jazer naquele leito, entreabrindo os olhos diante da luz que afasta a noite da sua presa. Morto. Nada mais simples. Morto. O que há de irreal nisso, de pesadelo, de...? Morto. Estou morto. Levanto o braço do meu cadáver e cubro-o. Ali ficará melhor. Nada de perguntas. Tudo é rigorosamente essencial e primitivo: o esquema da morte. Sim, mas... Não, nada de problemas; eu sei, eu sei que, além de mim mesmo, morto na cama, estou também aqui, deste outro lado. Mas basta, chega disso; agora há mais em que pensar. Nada de perguntas. Uma cama comigo, morto. O resto é simples; tenho de sair daqui e avisar a avó do que aconteceu. Fazê-lo

com delicadeza, contar-lhe as coisas sem exageros, para que nunca saiba da minha angústia e de tudo o que sofri, sozinho, sozinho na noite... Mas como acordá-la, como lhe contar...? Nada de perguntas; o amor mostrará como. Tenho de evitar o horror de a ver entrar de manhã, para o pequeno-almoço, e encontrar este espantalho rígido e crispado... Espantalho rígido e crispado... Rígido... Espantalho rígido e crispado...»

Senti-me contente, com uma alegria triste. Era bom ter-me ocorrido aquilo. A avó merecia-o; era preciso prepará-la para o pior. Com delicadeza, com os mimos de um homem que se torna criança ao lado do grande leito venerável.

Tenho de melhorar o aspecto deste rosto, pensei antes de sair. Por vezes, a avó levantava-se durante a noite e fazia longas inspecções pelos aposentos. Era necessário evitar qualquer surpresa macabra; se ela entrasse de repente e me apanhasse a compor o meu cadáver...

Fechei a porta à chave e pus mãos à obra, em paz comigo mesmo. As perguntas, as horrendas perguntas, aglomeravam-se na minha garganta, mas rejeitei-as brutalmente, estrangulando-as com estertores, afogando-as numa negativa. E, entretanto, cumpria a minha tarefa. Endireitei os lençóis, alisei o cobertor; os meus dedos pentearam-me grosseiramente até apanhar o cabelo e alisá-lo para trás. E depois, oh, depois tive coragem! Modelei os lábios do meu rosto convulso até conseguir, com infinita paciência, que sorrissem... E fechei as pálpebras, apertando-as até obedecerem, e o meu rosto assumiu a expressão de um jovem santo que desfrutou o seu martírio. De um Sebastião, feliz com as flechas.

Porque havia tanto silêncio? E porque surgia agora uma voz nas minhas memórias, uma voz ouvida em lágrimas certa vez, a voz de uma mulher negra cantando: «Sei que o Senhor colocou a Sua mão sobre mim»? Nada daquilo tinha qualquer fundamento; simplesmente acontecia. Uma imagem desgarrada, eu, erguido diante do meu corpo frio e cerimonioso, morto com a falsa dignidade que a minha destreza acabava por lhe conferir.

«Oh, rio profundo, e agora és tu vindo da noite.» A voz da mulher negra que chora e repete: «Rio profundo, o meu coração está no

Jordão». — «E isto continuará sempre assim? Será esta primeira noite o reflexo da eternidade? Terá o tempo morrido dentro do meu cadáver? Estará aprisionado naquelas mãos que se abriam languidamente ao abandono? Ficaremos sempre assim, o meu corpo, a voz da mulher negra e a minha consciência que pergunta e volta a perguntar?»

Mas já se fazia tarde; a reflexão trouxe-me de volta às dimensões de um dever a cumprir. O tempo persistia; aquele relógio proclamava-o. Afastei uma madeixa rebelde que voltava à testa alvíssima do meu cadáver, e saí do quarto.

Caminhei pela galeria salpicada de manchas cinzentas — quadros, *bibelots* — até me aproximar da grande câmara onde repousava a avó. A sua respiração leve, aqui e ali entrecortada por soluços repentinos — como conhecia aquela respiração, como me embalara numa infância perdida, desmesuradamente distante e cinzenta! —, acompanhava o meu caminho até ao leito. Então compreendi o horror do que estava prestes a fazer.

Acordar a adormecida com toda a doçura possível, roçando-lhe as pálpebras com a ponta dos dedos, dizendo: «Avó, tens de saber...» Ou então: «Não vês que acabei de...?» Ou ainda: «Não me leves o pequeno-almoço de manhã porque...» Dei-me conta de que o prelúdio precipitava a engrenagem da mais abominável revelação. Não, eu não tinha o direito de interromper um sono sagrado; não tinha o direito de me adiantar à própria morte.

Vacilante, trémulo, ia fugir — para onde, até quando? —, mas a única coisa que consegui foi deixar-me cair junto ao leito alto e afundar a testa no cobertor encarnado, misturando-me com ele e com a noite, com aquele sono profundo, maravilhoso, que a avó guardava sob as pálpebras. Queria, num impulso mudo, levantar-me e voltar para o meu quarto, regressar do pesadelo ou incorporar-me nele até ao fim. Mas então ouvi uma exclamação temerosa e soube que a avó me sentia na escuridão. O silêncio tinha sido monstruoso: era preciso confessar ou mentir. (E lá, no meu quarto, aquilo à minha espera...)

— O que se passa, o que se passa, Gabriel?

— Nada, avó. Não se passa nada, avozinha.

— Porque te levantaste? Aconteceu alguma coisa?

– Aconteceu... («Diz-lhe, diz-lhe. Oh, não, não lhe digas agora, não lhe digas nunca...»)

Ela tinha-se sentado na cama, e aproximou a sua mão da minha testa. Estremeci, porque, se ao tocar-me... Mas a carícia foi doce como sempre, e percebi que a avó não se tinha dado conta de que eu estava morto.

– Não te sentes bem?

– Não, não... É que não consigo dormir. Só isso. Não consigo dormir.

– Fica aqui...

– Sinto-me bem agora. Dorme, avó. Eu vou voltar para a minha cama.

– Bebe água, ajuda a passar a insónia...

– Sim, avó, vou beber. Mas dorme, dorme.

Já tranquila, ela entregava-se ao cansaço. Beijei-a na testa, sobre os olhos – ali, onde era tão doce beijá-la –, e, quando me levantei para sair, com o rosto coberto de lágrimas, chegou-me de longe a voz da mulher negra, vinda de algum lugar antigo, querido e esquecido... «A minha alma está ancorada no Senhor...»

É que não consigo dormir. A mentira esmagava-se aos meus pés enquanto refazia o caminho. Diante do aposento, senti um instante de esperança surda. Tudo parecia claro, distinto. Bastar-me-ia abrir a porta para dissipar os fantasmas. O leito vazio, o espelho fiel... e uma paz de sono até de manhã...

Mas lá estava eu, morto, à minha espera. O sorriso falsamente conseguido recebia-me, zombeteiro. E a madeixa de cabelo tinha voltado a cair sobre a testa, e os meus lábios estavam já esvaziados da sua antiga cor, cinzentos e cruéis no seu arco definitivo.

A presença odiosa rejeitava-me. Iluminado pelo candeeiro de luzes cruas e resplandecentes, o meu cadáver oferecia-se com volumes espessos, inegáveis. Senti que nas minhas mãos despertava o desejo de se lançarem sobre a cama e rasgarem aquele rosto com unhas furiosas. Virei-lhe as costas numa vertigem de pranto e lancei-me para a rua deserta, tingida pela luz da Lua.

E então caminhei. Sim, então caminhei por quarteirões e quarteirões, pelos bairros da minha terra, deslizando sobre passeios

familiares. E o facto de me sentir longe do meu corpo inerte devolveu-me uma falsa calma de resignado, trouxe à minha consciência uma serenidade inútil que me convidava a meditar. Assim caminhei interminavelmente, construindo, sob a fria luz da Lua das altas horas da noite, a teoria da minha morte.

E acreditei ter encontrado a justa verdade. «Adormeci e sonhei. Não há dúvida de que a minha própria imagem vagueou pelas dimensões não-espaciais do meu sonho; não-espaciais e não-temporais, dimensões únicas, estranhas à nossa limitada prisão da vigília...»

Estava na praça, debaixo da velha tília.

«Acordei de repente, vá lá alguém saber porquê. *Demasiado depressa*; aí jaz a chave da minha condição actual. Não se desperta para a morte? Voltei tão rapidamente ao meu domínio humano que a minha imagem – a do sonho, aquela que naquele momento era o recipiente da minha vida e do meu pensamento – não teve tempo de regressar... E assim aconteceu a divisão absurda, a minha surpresa perante a imagem onírica separada da sua origem; e o meu corpo, que teve de passar da pequena morte do repouso à grande morte, onde agora sorri.»

Uma flecha cinzenta apontava aos muros distantes.

«Ah, nunca deveria ter acordado tão bruscamente. Esta minha imagem teria voltado à sua prisão densa de ossos e carne; se era para morrer, teríamos morrido juntos, sem suportar este desdobramento cujo alcance não consigo medir... A vida é o tempo! Porque martela em mim esta ideia? A vida é o tempo! Mas este meu tempo agora é mais horrível do que qualquer morte; é uma morte consciente, é assistir à minha própria decomposição da cabeceira de um leito monstruoso...»

E a orquestra do amanhecer afinava lentamente os seus metais.

«Ali fiquei, espaço absoluto; aqui estou, tempo vivo. Quebraram-se os quadros da realidade! O meu cadáver é, não sendo já nada; enquanto eu mal alcanço o horror do meu não-ser, tempo puro a que não se pode aplicar nenhuma forma; espectro que a manhã desnudará aos olhos sombrios das pessoas...»

E já era quase de dia.

«Será que me conseguem ver? Serei invisível? A avó falou comigo, acariciou-me. Mas o espelho recusou-se a dar-me o meu reflexo, permaneceu inalterável. Quem sou eu? Que fim terá esta mascarada abominável?»

Descobri que estava novamente diante das portas de casa. E um estridente canto de galo envolveu-me na angústia do imediato; era a hora em que a avó me levaria o pequeno-almoço. A igreja lançava as suas primeiras flechas ao céu; a hora em que a avó entraria no meu quarto e me encontraria morto. E eu, parado na rua, ouviria o grito, as primeiras corridas, o estertor inexpressável da revelação consumada.

Não sei o que me passou pela cabeça. Entrei desesperado no meu quarto. A luz da manhã tornava-se muito branca sobre o meu cadáver, e eu agachei-me aos pés da cama. Acreditava ouvir já um ruído na galeria. *Avó!* Caí sobre mim mesmo, agarrando esses ombros de mármore, sacudindo-me como um louco, pressionando a boca contra os meus lábios sorridentes, tentando reanimar aquela imobilidade definitiva. Apertei-me contra o meu corpo, quis quebrar-lhe os braços com as minhas garras, suguei desesperadamente a boca rebelde, esmaguei o meu horror, testa contra testa, até que os meus olhos deixaram de ver, cegos, e o outro rosto se perdeu numa névoa esbranquiçada, restando apenas uma cortina trémula, e um arquejo, e um aniquilamento...

Abri os olhos. O sol batia-me no rosto. Respirei penosamente; sentia o peito oprimido, como se alguém o tivesse pressionado com toda a força. O canto dos pássaros devolveu-me por completo à realidade.

Num só acto fulminante lembrei-me de tudo. Olhei para os pés. Estava na cama, deitado de costas. Nada tinha mudado, salvo aquela impressão de um peso incomum, de um cansaço infinito...

Com que prazer me entreguei ao consolo de um suspiro! Regressei dele como quem regressa do mar, e consegui concentrar o pensamento em três palavras que os meus lábios secos e sedentos sussurraram:

– Que pesadelo atroz...

Levantei-me lentamente, desfrutando da sensação maravilhosa que se segue ao desmascarar de um sonho mau. Então vi as manchas de sangue na almofada e apercebi-me de que a porta do espelho do roupeiro estava entreaberta, reflectindo o ângulo da cama. E vi no reflexo o meu cabelo, cuidadosamente penteado para trás, como se alguém o tivesse alisado durante a noite...

Quis chorar, perder-me num abandono total. Mas, naquele momento, a avó entrou com o pequeno-almoço, e pareceu-me que a sua voz vinha de muito longe, como de outro quarto, mas sempre doce:

– Estás melhor? Não devias ter-te levantado esta noite; estava frio... Devias ter-me chamado, se tiveste uma insónia... Não voltes a levantar-te assim a meio da noite...

Levei a chávena à boca e bebi. De uma escuridão remota no meu interior regressava a voz da mulher negra. Cantava, cantava... «Eu sei que o Senhor colocou a Sua mão sobre mim...» A chávena estava vazia agora. Olhei para a avó e segurei-lhe nas mãos.

Ela deve ter pensado que era a luz do sol que me enchia os olhos de lágrimas.

Júlio Cortázar deixou-nos ao longo de quase quatro décadas doze famosos volumes de contos, a que se juntam os vários dispersos e inéditos descobertos no início deste século coligidos em *Papéis Inesperados*. Celebrados por gerações de leitores e considerados obras-primas do género, superam no seu conjunto as mil páginas. Nestes textos, Cortázar desafia as zonas de fronteira da criação literária, num estilo tão alucinante como o improvisado no jazz e tão surpreendente como um combate de boxe. Dos contos inaugurais de *A Outra Margem*, do universo inconfundível, repleto de liberdade e de ousadia, de *Bestiário* e de *Todos os Fogos o Fogo* à invenção fantasiosa dos cronópios e das famas, estala a revolução cortaziana na literatura do século xx.

Numa iniciativa editorial inédita no nosso país, reúnem-se pela primeira vez a totalidade dos contos do autor em dois únicos volumes. Este primeiro abarca o período entre 1945 e 1966, e inclui os títulos: *A Outra Margem*, *Bestiário*, *As Armas Secretas*, *Final do Jogo*, *Histórias de Cronópios* e *de Famas*, *Todos os Fogos o Fogo* e quatro *Histórias (Inesperadas)*.

«Nos livros de Cortázar o autor joga, o narrador joga, as personagens jogam e joga o leitor, forçado a fazê-lo pelas armadilhas diabólicas que o esperam ao virar de cada página.»

Mario Vargas Llosa



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-647-5



9 789895 836475